LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

REPRESENTATIVIDADE NA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DA PRESENÇA NEGRA NAS OBRAS LITERÁRIAS DO PNLD

REPRESENTATION IN CHILDREN'S LITERATURE: AN ANALYSIS OF THE BLACK PRESENCE IN PNLD LITERARY WORKS

REPRESENTATIVIDAD EN LA LITERATURA INFANTIL: UN ANÁLISIS DE LA PRESENCIA NEGRA EN LAS OBRAS LITERARIAS DEL PNLD

https://doi.org/10.56238/levv16n52-023

Data de submissão: 09/08/2025 **Data de publicação:** 09/09/2025

Michelle Castro Lima
Doutora em Educação
Instituição: Universidade Federal de Catalão
E-mail: michellecl82@gmail.com

Raisa Cavalcante de Azevedo
Mestranda em Educação
Instituição: Universidade Federal de Catalão
E-mail: raisaazevedo@discente.ufcat.edu.br

RESUMO

Este artigo analisa as representações sobre o negro e a cultura afro-brasileira nas obras literárias do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018, um programa brasileiro que fornece livros para escolas. Utilizamos a análise de conteúdo para selecionar dentre as 220 obras voltadas para as séries iniciais, nas quais 23 incluem personagens pardas e negras, com apenas 10 livros centrados nessa representação. Analisando essas obras sob as lentes da educação antirracista, representatividade e descolonização, destaca-se a necessidade de maior inclusão de vozes negras e pardas. Os livros selecionados, com contos diversos, oferecem recursos valiosos para professores que buscam fomentar a empatia e a compreensão cultural. Ao incorporar essa cultura nas escolas e nas salas de aula, as raízes e o reconhecimento do aluno melhoram a autoestima e constroem a igualdade.

Palavras-chave: Educação Antirracista. PNLD Literário. Representatividade Negra.

ABSTRACT

This article analyzes the representation of Black people and Afro-Brazilian culture in literary works selected for the 2018 National Textbook Program (PNLD), a Brazilian initiative providing books to schools. Using content analysis, we examined 220 works intended for early primary school students and found that only 23 included Black and Brown characters, with just 10 centrally focusing on them. Analyzing these works through the lenses of anti-racist education, representation, and decolonization, we highlight the need for greater inclusion of Black and Brown voices in children's literature. The selected books, which feature diverse narratives, offer valuable resources for teachers seeking to foster empathy and cultural understanding. By incorporating these cultural perspectives into schools and classrooms, students' sense of belonging and self-recognition are strengthened, promoting self-esteem and building a more equitable learning environment.

Keywords: Anti-racist Education. Literary PNLD. Black Representation.

RESUMEN

Este artículo analiza las representaciones sobre los negros y la cultura afrobrasileña en las obras literarias del Programa Nacional del Libro Didáctico (PNLD) de 2018, un programa brasileño que proporciona libros a las escuelas. Utilizamos el análisis de contenido para seleccionar entre las 220 obras dirigidas a los primeros cursos, de las cuales 23 incluyen personajes negros y pardos, con solo 10 libros centrados en esta representación. Al analizar estas obras desde la perspectiva de la educación antirracista, la representatividad y la descolonización, se destaca la necesidad de una mayor inclusión de las voces negras y pardas. Los libros seleccionados, con diversos relatos, ofrecen recursos valiosos para los profesores que buscan fomentar la empatía y la comprensión cultural. Al incorporar esta cultura en las escuelas y en las aulas, las raíces y el reconocimiento del alumno mejoran la autoestima y construyen la igualdad.

Palabras clave: Educación Antirracista. PNLD Literario. Representatividad Negra.

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem o poder de impactar as pessoas e fazê-las ressignificar seus sentimentos, acontecimentos e o que acontece ao seu redor. Por meio dela, é possível enxergar o mundo pelos olhos dos outros, de modo que o interlocutor é colocado em um lugar que não lhe é comum. Nessa perspectiva, a literatura infantil pode proporcionar às crianças um desenvolvimento emocional, social e cognitivo inquestionável. Uma vez que, ao ouvir histórias, as crianças passam a visualizar com mais clareza os sentimentos que têm em relação ao mundo. Abramovich (1994) argumenta que as histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e afeição, curiosidade, dor, perda, além de ensinar e, por vezes, questionar outros infinitos assuntos.

Desta forma, a literatura é um espaço de formação humana que permite a formação da sensibilidade, e do pensamento. Por esse motivo, defendemos que é preciso trazer a representatividade negra para o cotidiano da educação infantil, pois é nesse momento que o sujeito está construindo seus saberes sobre o mundo e sobre si mesmos. Segundo Rodrigues (2015, p. 243), "a leitura é uma das formas que a criança compreende e interpreta o mundo, trazendo enriquecimento cultural e social, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e psicológico, além de apropriação da linguagem".

Percebemos, então, que, para o desenvolvimento das crianças no processo de ensino-aprendizagem, é fundamental que a literatura esteja presente nas salas de aula e sejam praticadas a fim de fazer com que os alunos despertem desejo pela leitura, resultando em avanços na sua formação. Dessa maneira, quando o professor traz para a sala livros com protagonismo negro está rompendo com estereótipos que somente os indivíduos brancos importam.

Ainda no século XXI, o racismo está presente na sociedade brasileira que revivifica o apagamento dos sujeitos negros, da cultura, da história, da sociedade. Isso pode ser ratificado por meio das representações que estabelecem padrões a serem idealizados e valorizados que por vezes reforça padrões elitizados e europeus. Por essa razão é importante iniciar a educação antirracista negra ainda na infância e a representatividade do negro na literatura pode contribuir para isso, visto que, entendemos a educação como transformadora, ou seja, por meio dela pode-se promover uma transformação social no sujeito.

Então, é necessário fortalecer as práticas pedagógicas escolares, a fim de possibilitar uma nova perspectiva sobre as questões raciais, e a importância que a representatividade tem para a construção de identidade dos alunos. É preciso que também reconheçam a necessidade de mudar como é abordado essas questões pelas escolas, pelos professores e os meios utilizados para abordar tal assunto.

Pensando sobre isso, de que maneira as crianças, especialmente, as negras, são representadas na literatura? Essas crianças são vítimas de vários padrões impostos pela sociedade e reafirmados na cultura midiática, seja nos filmes infantis, nos desenhos, nas campanhas de marketing, elas são

representadas por pessoas brancas, com cabelo liso e esvoaçantes, os heróis em sua maioria, são altos, brancos, loiros e de feições europeias.

O poder da literatura para moldar percepções e identidades, particularmente em crianças pequenas, é inegável. Portanto, um exame crítico das representações de indivíduos negros e pardos na literatura infantil é crucial para fomentar a educação antirracista e promover valores sociais inclusivos. Este artigo realiza uma análise de conteúdo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) Literário 2018, um programa nacional que fornece recursos literários para escolas, para verificar como esses livros representam personagens negros e pardos, com foco em obras destinadas ao ensino fundamental

Selecionamos dentre as 220 obras literárias para as crianças do 1º ao 3º que fazem parte no PNLD literário de 2018 as obras que compõem o gênero conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular. Nesse gênero encontramos 143 obras das quais apenas 23 retratam personagens negros ou pardos.

2 TEORIAS SUBJACENTES

Antônio Candido (2004) em seu texto “Direito à Literatura” defende que a literatura é um direito humano assim como outros direitos sociais e culturais, a literatura não pode se restringir a um grupo social ou econômico. A partir desta premissa defendo que a literatura esteja presente no cotidiano escolar e que o estudante possa ter amplo acesso a obras literárias e espaços de compartilhamento de leituras.

Desta forma, nesta pesquisa tomarei como referência, Rosa (2014), Reyes (2012), Gouvêa (2000), Hall (2011) e Jovino e Quadros (2006) também serão utilizadas para a elaboração dessa pesquisa.

Compreendo que as discussões sobre questões raciais podem/devem iniciar no espaço escolar desde o período da infância, sendo necessário estimular e promover o (re)conhecimento identitários das crianças, bem como a compreensão do direito de igualdade racial. Ao utilizar a palavra “identidades” no plural, levei em consideração os estudos realizados por Hall (2011), o qual nos apresenta a perspectiva de que as "identidades" são construídas a partir das relações sociais, da convivência com o outro, do que aprende com a família, e de todas e quaisquer experiências vivenciadas em sociedade.

Entendo que o contato com o outro é o que vai contribuir para definir o comportamento, as escolhas, o olhar sobre o outro, as crenças e o modo de pensar e agir. Hall (2011) ainda afirma que esse processo não fica pronto e acabado, uma vez que estamos a todo tempo em contato com novas vivências e experiências que, de alguma maneira, interferem nas nossas diversas “identidades”. Nas palavras do autor, têm-se as seguintes definições: "[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma

identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas" (Hall, 2011, p. 10).

GOUVÊA, (2000, p. 1) diz que “a produção literária destinada à criança conformou-se no Brasil” entre 1900 e 1935, inicialmente com personagens brancos. De acordo com Jovino e Quadros (2006,), o negro passou a fazer parte da literatura voltada para o público infantil, no Brasil, no final da década de 20 e início da década de 30, período em que a sociedade estava “recém saída de um longo período de escravidão”. Nessa direção, o que se percebia nas literaturas era a evidência da “condição subalterna do negro” (Jovino e Quadros, 2006, p. 187).

Assim, “na maioria dos textos infantis publicados até a década de 30, a personagem feminina negra é invariavelmente representada como a empegada doméstica, retratada com um lenço na cabeça, um avental cobrindo o corpo gordo: a eterna cozinheira e babá.” (Jovino e Quadros, 2006, p. 188). Essa representação negativa do negro permaneceu por muito tempo, a partir da década de 80 é que deu início ao processo de rompimento desse tipo de representação. A partir de então, personagens femininas negras começaram a aparecer na literatura desempenhando “papéis e funções sociais diferentes”, indicando os primeiros gritos de “resistência” e de enfrentamento na representatividade dos personagens negros e negras na literatura (Jovino e Quadros, 2006, p.189).

Nesse sentido, trazemos as contribuições de Rosa (2014), que, em sua dissertação analisou um grupo de professoras de Educação Infantil para compreender como “suas práticas, falas e sentidos se materializam na relação com as crianças” (Rosa, 2014, p. 10) e em sua formação identitária. Ela observou, a partir das falas das professoras pesquisadas, a relevância da participação do professor na construção das identidades das crianças “por meio de atos de cuidado e afeto e do modo de tratá-las com igualdade” (Rosa, 2014, p. 88).

Souza, Dias e Santiago (2017), em sua pesquisa mostra apontamentos sobre as questões das práticas docentes na Educação Infantil, o estudo centrado nas questões raciais argumenta que as crianças desde pequenas precisam aprender sobre questões raciais, sobre o seu pertencimento racial e sobre o combate ao racismo. Nesse sentido, Souza, Dias e Santiago (2017) destacam o papel fundamental da educação nesse processo:

> O papel central da educação das relações étnico-raciais é fazer visíveis as diferenças, tornando a educação infantil um espaço privilegiado de encontros de culturas, saberes, etnias e sujeitos, afirmando a pedagogia da infância enquanto um instrumento para além da lógica única do colonialismo. (Souza; Dias; Santiago, 2017, p. 52)

A partir da afirmação dos autores, percebo que, para promover a igualdade, faz-se necessário “fazer visíveis as diferenças[1]”, isto é, pensar em uma educação para todos envolve mostrar essas particularidades, incluindo a raça, para lutarmos pelos princípios de igualdade e combate ao racismo.

[1] SOUZA; DIAS; SANTIAGO, 2017, p. 52

Vejo que a escola é um lugar de descontruir estereótipos e construir indivíduos com pensamento crítico, de abolir rótulos, por que não iniciar uma desconstrução do racismo estrutural ainda na fase inicial de ensino? Vygotsky (1984) afirma que entre 2 e 7 anos a criança inicia o processo de pensamento representativo, ou seja, a criança começa a gerar representações da realidade, sendo então de suma importância que ela consiga se identificar com essas representações. E a literatura é um instrumento de comunicação e de interação social, que cumpre o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura da sociedade em que o indivíduo vive, ou seja, ela é fundamental para a construção do homem enquanto sujeito e cidadão.

> Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (Candido, 2012, p. 18).

Por isso, nessa perspectiva, compreendemos que as discussões sobre questões raciais podem iniciar no espaço escolar desde o período da infância, sendo necessário estimular e promover o reconhecimento identitário das crianças, bem como a compreensão do direito de igualdade racial. Além de que, como futura professora, compreendo que temos o desafio de possibilitar discussões que levem os alunos a perceber aquilo que nem sempre está explícito nos textos que leem, mas instigá-los a refletir sobre o que não está dito. Provocar uma reflexão sobre o contexto histórico, sobre a importância dos movimentos sociais, sobre a luta pelos direitos de igualdade e, sobretudo, a questionar o porquê daquilo que está nos livros, na mídia e nos espaços em que frequentam. Logo, o papel do professor é indispensável para uma análise de maneira consciente e instigante (Luckesi, 1994).

3 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

No Brasil, o racismo estrutural está profundamente enraizado na história e na sociedade do país, manifestando-se ao longo dos séculos de diversas formas. A escravidão, desde o período colonial, deixou marcas profundas que se refletem na estrutura social atual. A abolição da escravatura em 1888, embora tenha sido um marco, não foi seguida por políticas efetivas de inclusão e reparação, contribuindo para a persistência das desigualdades.

O sistema educacional brasileiro reflete racismo estrutural, com desigualdades desde o ensino fundamental até o ensino superior. A falta de representatividade e a persistência de estereótipos raciais também contribuem para a reprodução de padrões discriminatórios. O Censo Demográfico de 2022 apresentou alguns dados sobre a desigualdade educacional no Brasil. A tabela mostra a discrepância entre a proporção de brancos, pretos e pardos com "ensino médio completo e incompleto", bem como aqueles com "ensino superior completo".

É comum o pensamento de que racismo é ofender pessoalmente alguém, mas é preciso entender o racismo como a estrutura que ele é, e como essa engrenagem dita a desigualdade em nossa sociedade. “A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas.” (Almeida, 2019)

A escola é um dos principais cenários para a adoção de práticas antirracistas. No entanto, geralmente essas práticas se resumem ao “novembro negro”, o que muitas vezes ocorre de forma equivocada ou superficial. Superficial porque além da questão negra no país ficar atrelada ao calendário das datas comemorativas na escola, ela é abordada sob a ótica da branquitude sobre o negro e não o protagonismo que o povo negro tem na formação do país. Muitas vezes a temática é reduzida a vocabulário, comida, música, “tarefinhas” escolares tudo isso trabalhado superficialmente.

Nesse contexto a escola não está contribuindo para uma conscientização e postura antirracista. Diante da realidade de nosso país é importante que aconteçam atividades que levem à discussão, que tratem do papel fundamental do negro na construção do país, que desmistifiquem a cultura afro-brasileira e questionem mitos como a mansidão do escravizado.

E mais, quando os livros de literatura lidos pela professora e trabalhados em sala de aula não têm personagens negros; quando a decoração em E.V.A. da sala de aula, na educação infantil e nos anos iniciais, tem apenas crianças brancas de mãos dadas, ou ainda quando todas as bonecas são brancas. A escola está dizendo para a criança negra que ela não pertence àquele lugar.

A discussão das relações étnicas “trata-se de uma discussão necessária para a promoção de uma educação igualitária e compromissada com o desenvolvimento do futuro cidadão.” (Cavalleiro, 2018, p. 9). Percebemos facilmente que a questão étnico-racial no currículo brasileiro é um capítulo à parte, ou melhor, praticamente inexistente. Inexistente, pois o currículo traz representado em si a hierarquização social e cultural em que vivemos. Em termos de representação racial, o texto curricular conserva, de forma evidente, as marcas da herança colonial. O currículo é, sem dúvida, entre outras coisas, um texto racial. A questão da raça e da etnia não é simplesmente um “tema transversal”: ela é uma questão central de conhecimento, poder e identidade. (Silva, 2016.)

No meio disso, a Literatura Infantil pode ser vista como um campo em que problematizações e questionamentos vêm sendo feitos, principalmente no tocante ao protagonismo negro nas histórias, sendo assim é importante pensar e analisar as representações de personagens negros contidas nos livros infantis. Argüelo (2014, p. 110) nos diz que “A literatura é um veículo da linguagem, em que se realiza exercício de poder ao atribuir sentido e significado. Com isso, ela contribui na fabricação de identidades, posicionando os sujeitos em diferentes e desiguais lugares sociais.”

É importante pensarmos a Literatura Infantil como uma janela para o mundo ao qual a criança é apresentada, cada história, cada ilustração mostra possibilidades de ser e de existir no mundo a partir do que os personagens vivem. Sendo assim, o momento da leitura pode tornar-se uma experiência

negativa para a criança negra e perpetuadora de estereótipos para a criança branca. O imaginário racista é constituído desde a infância e os livros com representação negativa de personagens negros ajudam a manter os estereótipos atribuídos a eles, tanto nas ilustrações quanto nas histórias.

A linguagem é peça chave para entendermos o conceito de representação. Isso acontece, de acordo com Hall (2016), porque a "representação é a produção do sentido pela linguagem." (p. 53). Isso quer dizer que a linguagem funciona como um processo de significação: é ela que atribui sentido a algo. "[...] as palavras que usamos para nos referir a elas (coisas), as histórias que narramos a seu respeito, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos." (Hall, 2016, p. 21)

> [...] os conceitos que são formados na mente funcionam como um sistema de representação que classifica e organiza o mundo em categorias inteligíveis. Se nós temos um conceito para alguma coisa, nós podemos dizer que sabemos seu "sentido". (Hall, 2016, p. 54).

Pensando que "Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido." (HALL, 1997, p. 16). Eis a grande importância de trabalhar de livros infantis com protagonismo negro em sala de aula. Já que a literatura é esse veículo de linguagem, torna-se também essencial na luta antirracista, que deve começar na infância.

É por meio das histórias que as crianças começam a compreender o mundo: conseguem interpretar e dar vazão a sentimentos, vivenciam as experiências dos personagens a partir de um lugar seguro e compreendem sua própria existência através da escuta ou leitura. Desta forma, a literatura para a diversidade promove a ampliação de referenciais culturais, de mundo e a compreensão sobre o outro, o próximo – seu ponto de vista, sua interpretação de mundo. As representações existentes nos livros infantis constroem sentidos, já que a literatura é um meio de conhecermos a diversidade humana.

Então a leitura de livros com personagens negros ou que abordam a cultura afro-brasileira favorece o desmonte do racismo, contribuindo para desconstrução de estereótipos. Entretanto, vale lembrar que apenas a leitura isolada não faz milagres, é necessário problematizar, discutir, refletir a respeito do que foi lido, "[...] a literatura pode problematizar reflexões sobre práticas antirracistas para o universo da infância, seja no espaço escolar, seja em outros espaços socioeducativos." (Debus, 2017, p. 19).

No entanto, para que essas reflexões aconteçam é essencial o trabalho do professor mediador que vai desde a escolha do livro de literatura até a escuta na roda depois da leitura. A escolha precisa ser de livros com boas histórias, afinal não é só porque aparecem personagens negros que a história será suficiente, não basta também a história ser boa se não há mediação. Deve ser trabalhados livros que trazem histórias com protagonismo negro e/ou de temática africana ou afro-brasileira e a mediação não pode ser apenas "olhem, esse personagem é negro"; ou ainda, no caso de livros literários, intervenções como "o que vocês aprenderam sobre preconceito?", "o racismo é uma coisa feia!". Mas

ao abordar esses livros a mediação da professora é essencial para que ocorra uma discussão, um momento de escuta e deve ser uma mediação de qualidade, que enriquece o momento da leitura:

> Nesse ensaio as pessoas se surpreendem com o som de sua própria interpretação. Pôr para fora, para outros, a música de nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios que os textos despertam. (Bajour, 2012, p. 23).

É relevante indagar e provocar as crianças que acabaram de ouvir a história, mas não nos limitarmos a perguntas como "o que você achou da história?", "qual sua parte favorita?". É mais instigante estabelecer um diálogo, assim a professora mediadora pode fazer uma "provocação", um questionamento, que não é o mesmo que pergunta. Dessa forma, as crianças poderão emitir suas opiniões sentindo-se seguras para se expressarem (Bajour, 2012; Cosson, 2018)

Sendo assim, a Literatura Infantil torna-se um veículo que legitima as relações de poder e pode ser uma ferramenta antirracista, pois a literatura Infantil com protagonismo negro age direto no fortalecimento da autoestima da criança negra e, para a criança branca, desconstrói e questiona o lugar de privilégio em que a branquitude tem em nossa sociedade, ao quebrar barreiras como estereótipos e representações negativas relacionadas às pessoas negras. Esta literatura, mediada em sala de aula, desmancha preconceitos e coloca o propósito da escola em evidência: formar cidadãos que entendem a importância de celebrar e respeitar as diferenças. Por isso, o trabalho social do letramento literário a partir de autores/autoras negros/negras, com personagens negros, com cultura afro-brasileira é tão importante.

4 ANÁLISE DAS OBRAS LITERÁRIAS DO PNLD 2018

O acervo literário do PNLD para o Ensino Fundamental, do 1º ao 3º ano, conta com 143 obras, mas, dessas obras, apenas 23 ilustram personagens negros ou pardos e apenas 10 os têm como personagens centrais. Conforme quadro a seguir:

Tabela 1- Livros com personagens centrais negros ou pardos

LIVRO	AUTOR/ILUSTRADOR
1. As Cinco Fábulas Da África	Júlio Emílio Braz, Pedro Machado
2. A Cor De Coraline	Alexandre Rampazo
3. João Bocó E O Ganso De Ouro	Arievaldo Viana E Jô Oliveira
4. Alafiá E A Pantera Que Tinha Olhos De Rubi	Marcel Tenório, Theo De Oliveira
5.Euzébia Zanza	Camila Fillinger, Suppa
6.A Viagem De Um Barquinho	Sylvia Orthof, Tatiana Paiva
7.Kiriku E A Feiticeira	Maria Carmelita Lacerda, Janete Lins Rodriguez, Josilane Maria Do Nascimento Silva
8.Mateus, Esse Boi É Seu	Marco Haurélio, Josimar Fernandes De Oliveira
9.Rapunzel E O Quibungo	Ronaldo Simoes Coelho, Maria Cristina Agostinho De Andrade, Walter Roberto Lara
10.Olelê - Uma Antiga Cantiga Da África	Fabio Simoes Soares, Marilia Pirillo

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Das 10 obras, 04 trabalham com conto ou fábulas da cultura africana e 06 possuem os personagens negros ou pardos vivendo a história. Para uma melhor compreensão os livros selecionados foram categorizados em três grupos: contos e fábulas africanas, personagens pardos e protagonistas negros.

4.1 CONTOS E FÁBULAS AFRICANAS

A categoria "Contos e Fábulas Africanas" oferece uma oportunidade valiosa para apresentar às crianças diversas tradições culturais e desafiar narrativas eurocêntricas. As obras que compõem essa categoria são “Cinco fábulas da África”, “Alafiá e a pantera que tinha olhos de rubi”, “Kiriku e a feiticeira e Olelê: Uma antiga cantiga da África

Cinco fábulas da África” escrito por Júlio Emílio Braz e ilustrado por Gustavo Damiani apresenta cinco contos africanos tendo como personagens centrais uma avó e seus netos que se embrenham na contação de histórias com personagens tradicionais de diferentes regiões do continente africano.

O segundo livro denomina-se “Alafiá e a pantera que tinha olhos de rubi” escrito por Marcel Tenório e Theo de Oliveira e ilustrado por Olavo Costa, conta a história da menina Alafiá que vive em uma aldeia perto do mar e se diverte brincando com seu papagaio Odidé.

O terceiro livro se chama “Kiriku e a feiticeira” escrita por Janete Lins Rodriguez; Josilane Maria Aires e Maria Carmelita Lacerda e ilustrada por Lelo Alves; Izaac Brito e Alzir Alves, é uma adaptação livre de uma lenda africana, que conta a história de um menino muito pequeno e inteligente, que ajuda seu povo a se libertar de uma feiticeira.

O quarto e último que trabalham com conto ou fábulas africanas é Olelê: Uma antiga cantiga da África, escrito por Fábio Simões e ilustrado por Marília Pirillo e Heloísa Pires Lima, conta a história de uma antiga cantiga africana — uma "africantiga" —, do povo que vive à beira do Rio Cassai, no coração da África

Cinco Fábulas da África, por exemplo, oferece uma coleção de tradições orais africanas centradas em uma avó e seus netos, promovendo conexões intergeracionais e apresentando Olelê: Uma Antiga Cantiga da África, OKiriku e a Feiticeira, baseado em uma lenda africana, é um exemplo de um passo em direção à decolonialidade, ao apresentar um menino africano, desafiando as estruturas tradicionais de poder. Alafiá e a Pantera que Tinha Olhos de Rubi é outro bom exemplo ao levar em consideração as raízes de seus personagens e a narrativa baseada no folclore africano, além dos personagens-título serem negros.

Estas quatro obras exploram de forma lúdica, enriquecidas pelas cores vibrantes de suas ilustrações, as lendas, os mitos e as fábulas dos povos africanos. Como fica evidenciado nas capas das obras.

Figura 1 - Capa dos 04 livros de contos e fábulas analisados



Fonte: Guia Digital PNLD 2018- Literário

Por meio dessas narrativas dessas obras, é possível conhecer mais sobre a cultura e os valores essenciais desses povos. Assim, é de suma importância incorporar o estudo e a valorização da cultura afro-brasileira nos ambientes educacionais e sociais. Ao explorar e compreender a riqueza dessa cultura, é possível contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. O conhecimento sobre a história, tradições, expressões artísticas e contribuições dos afrodescendentes enriquece a formação de indivíduos mais conscientes, promove a quebra de estereótipos e estimula o respeito à diversidade.

Considerando que a Lei 11.645/08 foi concebida como um instrumento de enfrentamento ao preconceito e ao racismo, percebemos que sua intenção era promover uma abordagem renovada sobre a História. Esse contexto tem impactos diretos no sistema educacional brasileiro, uma vez que as escolas se tornam espaços cruciais para a ampliação desse debate. Deste modo, entendo que:

> Considera-se as Leis n° 10.639/2003 e n° 11.645/2008, não apenas como instrumentos de orientação para o combate à discriminação, pois elas são também leis afirmativas, reconhecem a escola como lugar de formar cidadãos, e afirmam a relevância da mesma promover a valorização das matrizes culturais brasileiras (Comar; Ruaro, 2010, p. 4-5).

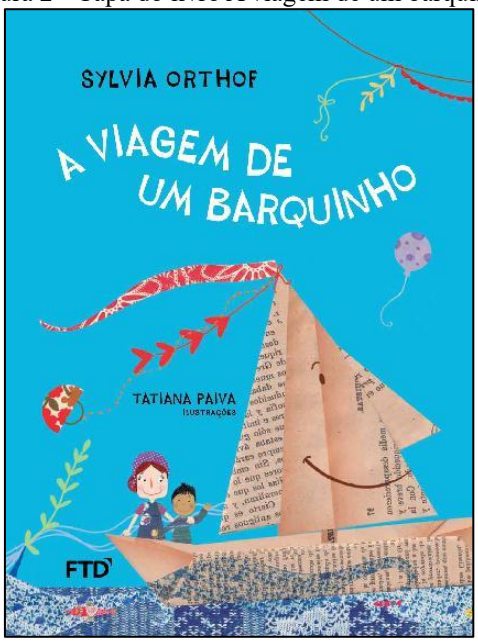
Sendo assim, ao integrar a cultura afro-brasileira nos currículos e nas práticas pedagógicas, cria-se um ambiente propício para o fortalecimento da autoestima de estudantes afrodescendentes, fomentando um sentimento de pertencimento e reconhecimento de suas raízes. Esse enfoque não apenas combate a invisibilidade histórica e cultural, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais plural e equitativa, onde as diversas heranças culturais são valorizadas e celebradas.

4.2 PERSONAGENS PARDOS

A segunda categoria de livros são os livros que possuem personagens pardos. Primeiro livro dessa categoria é o livro “A Viagem de um barquinho” escrito por Sylvia Orthof e ilustrado por Tatiana Paiva, apresenta um menino que fez um barquinho de papel. Apareceu uma lavadeira que não tinha água para lavar sua roupa, então, de dentro da sua trouxa, puxou um rio de pano. O barquinho viu o

rio inventado e fugiu. Este livro conta a história da lavadeira Elisete e do menino Chico Eduardo em busca do barquinho. O livro traz a história em duas versões: conto em verso e peça teatral que inclusive já foi premiada.

Figura 2 - Capa do livro A viagem de um barquinho



Fonte: Guia Digital PNLD 2018- Literário

Ao analisar a obra pode-se perceber que ela explora recursos poéticos, como métrica, rima e musicalidade, apresentando algumas possibilidades temáticas importantes, tais como a busca pela liberdade e felicidade representada metaforicamente numa viagem empreendida pelo barquinho nas águas imaginárias dos tecidos estendidos pela lavadeira. Na capa e na contracapa, as imagens fazem alusão ao título da obra, com muito colorido e leveza, retratam o tema central e, por entre rimas e versos, transportam os leitores para o mundo de aventuras vivenciadas pelos três, Chico Eduardo, a lavadeira e o barquinho. A obra também dá ênfase nos anseios humanos, como o conhecimento de si e do mundo que o cerca, a curiosidade natural pelo mundo e sentimentos com os quais as crianças devem lidar, como sonhos e desejos. A narrativa poética também é envolvente devido à aventura pela qual o barquinho passa e pela relação de amizade existente entre as personagens., também promove à abertura para a imaginação e fantasia infantil.

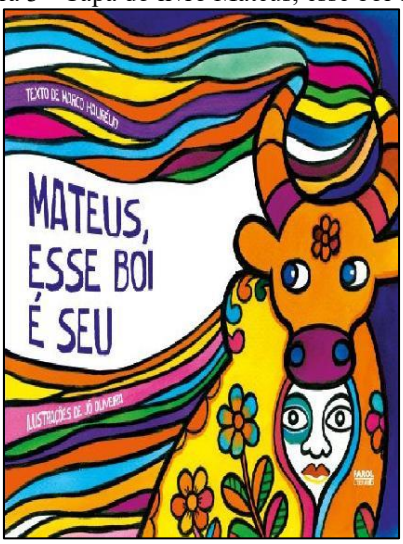
Em “Mateus, esse boi é seu”, escrito por Marco Haurélio e ilustrado por Jô Oliveira, narra em cordel a tradicional história do bumba-meu-boi, uma das belas manifestações da cultura brasileira, o bumba-meu-boi é um espetáculo popular que, ao longo dos séculos, emociona multidões, irradiando de Pernambuco para várias regiões do país. Na história, o vaqueiro Mateus sacrifica o boi do patrão para atender ao desejo de Catarina, por quem ele se apaixonou. O conflito se desenvolve com a ordem do patrão para prender Mateus e com as tentativas de ressuscitar o animal, inclusive com a intervenção

do curandeiro e da caipora, mas o boi mangangá só volta à vida quando a moça devolve o coração que dele havia sido arrancado.

Essa obra é escrita em quadrinhas, com métrica e rima nos versos pares. No que diz respeito ao plano do conteúdo, não se verifica o emprego de figuras de linguagem da palavra; por outro lado, o autor utiliza um léxico regional que se harmoniza ao modo de narração. Além disso, narração é fluida, há no desenvolvimento do enredo.

Quanto à temática da obra, a abordagem do folclore permite que o leitor elabore leituras sobre os sentidos da tradição, a representação de aspectos regionais e de identidade nacional, além estabelecer relações de diferença com produtos da indústria cultural que dominam o mercado. A representação da violência e da morte na obra, no caso, arrancar o coração do boi para atender ao pedido da moça porque Mateus se apaixonou não é explorado de modo gratuito ou inadequado. Pelo contrário, esse elemento consiste em transfiguração simbólica, arraigada na cultura popular, levando-se em conta que o boi é um ser sacrificial, além de ser, por excelência, o animal símbolo do Brasil.

Figura 3 - Capa do livro Mateus, esse boi é seu



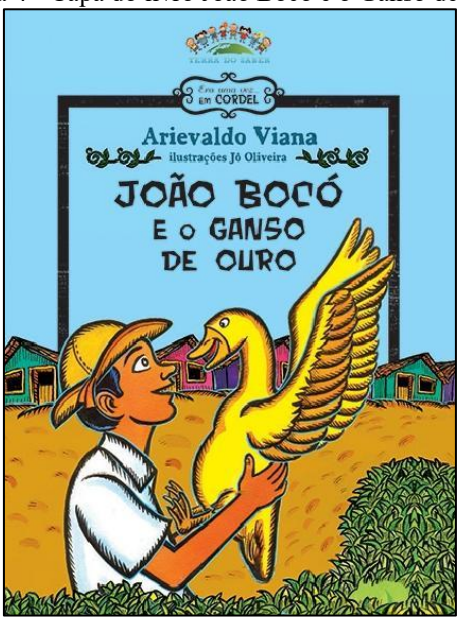
Fonte: Guia Digital PNLD 2018- Literário

Nota-se um diálogo entre o texto escrito e as imagens, sobretudo porque não se trata de imagens de cunho realista, mas sim de representações dos elementos cênicos do bumba-meu-boi com base na apropriação do estilo de cordel, que é ilustrado com xilogravuras. Em suma, a obra tanto consolida a festa folclórica do boi-bumbá, quanto amplia o domínio do tema por conta da abordagem em cordel, das ilustrações e da forma verbal de apresentação do enredo.

A última obra dessa categoria é “João Bocó e o ganso de ouro” que é um cordel de autoria de Arievaldo Viana e ilustração de Jô Oliveira, conta a história de João Bocó e de seus irmãos mais velhos que eram os preferidos de seus pais, por serem considerados mais espertos, preocupando-se em fazer o possível para ter fortuna, não se importando em ignorar as necessidades dos outros quando isso os

favorecesse. João Bocó, por outro lado, era preterido pelos pais por ser considerado um tolo, mas tinha bom coração. A necessidade de buscar lenha, leva um dos irmãos a embrenhar-se na floresta e encontrar um velhinho que pede por ajuda. Alberto, o mais velho, ignora o pedido e responde com agressividade. Por sua atitude é punido com um corte no braço. José, que tenta cumprir a tarefa não executada pelo irmão mais velho, passa pelo mesmo processo, ferindo-se no pé. João, apesar da má vontade dos pais, parte com o mesmo objetivo, mas, invés de ignorar o pedido do velhinho, reparte com ele sua comida. Como retribuição, este o presenteia com um ganso com penas de ouro. Além da riqueza, o ganso também traz boa sorte a João, que acaba modificando completamente sua vida.

Figura 4 - Capa do livro João Bocó e o Ganso de Ouro



Fonte: Guia Digital PNLD 2018- Literário

Essa obra também possui ilustrações de xilogravuras presentes na literatura de cordel, com linhas retas e hachuras grossas. As cores vibrantes, por outro lado, contrastam com o estilo das imagens tradicionais do folheto.

Essa característica acaba por aproximar as imagens das representações comuns de contos infantis, os quais costumam reproduzir as narrativas dos irmãos Grimm. Por apresentar-se como um reconto de um conto de fadas, a obra apresenta uma visão de mundo característica de um tempo passado e que se distancia da realidade vivida atualmente. O protagonista, assim como todos os indivíduos em posição de poder são homens. Existe uma visão objetificada da mulher é materializada na figura da Princesa, que é dada como presente a João Bocó. Em vista disso, destaca-se que a sua adoção tem como principal foco a possibilidade de trabalho que considere a valorização do cordel como expressão popular, possibilitando ao seu público leitor ter contato com a produção literária de tradição oral, escrita em verso, muito comum em algumas regiões brasileiras.

Os personagens centrais dessas obras são do sexo masculino e são pardos, as pessoas pardas apresentam uma grande variedade de fenótipos, pois a cor da pele, a textura do cabelo e outras características físicas são determinadas por uma combinação complexa de fatores genéticos e ambientais. O termo "pardo" é frequentemente utilizado para descrever uma gama de tons de pele que não se encaixam claramente nas categorias de pele clara ou escura

As pessoas pardas exibem uma ampla variedade de características fenotípicas. Em relação à tonalidade da pele, essa diversidade é notável nos livros. A textura capilar também reflete essa heterogeneidade, apresentando opções que vão desde cabelos encaracolados até fios ondulados ou lisos.

As características faciais são igualmente diversas, envolvendo diferentes formatos de olhos, narizes, bocas e queixos, destacando a individualidade única de cada personagem dentro desse grupo. A cor dos olhos, por sua vez, abrange uma ampla paleta de tons em pessoas pardas, incluindo variações de castanho, verde, avelã e outras nuances. Essa diversidade ressalta a complexidade e singularidade das características fenotípicas presentes nesse grupo étnico.

A representatividade desempenha um papel significativo no desenvolvimento da identidade e autoestima das crianças, proporcionando um senso de pertencimento e validação de suas experiências e identidades. Quando as crianças veem personagens, figuras e histórias que refletem a diversidade do mundo ao seu redor, isso contribui para a construção de uma visão positiva de si mesmas e dos outros. Além disso, a representatividade promove a aceitação da diversidade, reduzindo estereótipos e preconceitos. No contexto educacional, ao incorporar narrativas e referências culturais diversas, as crianças têm a oportunidade de se conectar com diferentes perspectivas e enriquecer sua compreensão do mundo. Portanto, criar ambientes que promovam a representatividade é fundamental para nutrir o desenvolvimento saudável e inclusivo.

Ao explorar e incorporar as diversas culturas, costumes, tradições e características geográficas que permeiam as diferentes regiões do país, a escola contribui para uma compreensão mais profunda da riqueza da diversidade brasileira.

O Brasil é um país vasto e multicultural, com realidades distintas em suas regiões. Ao incluir as regionalidades no currículo escolar, promove-se um reconhecimento mais amplo das contribuições de cada local para a construção da identidade nacional. Além disso, essa abordagem amplia a visão de mundo dos estudantes, fomentando o respeito às diferenças e a valorização da pluralidade cultural presente no país.

Ao trabalhar com as regionalidades, a escola proporciona uma educação mais contextualizada e relevante, conectando os alunos com sua própria história e com as realidades específicas de cada região. Essa prática também estimula a empatia, a compreensão intercultural e a formação de cidadãos

mais conscientes e respeitosos com a diversidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e integrada.

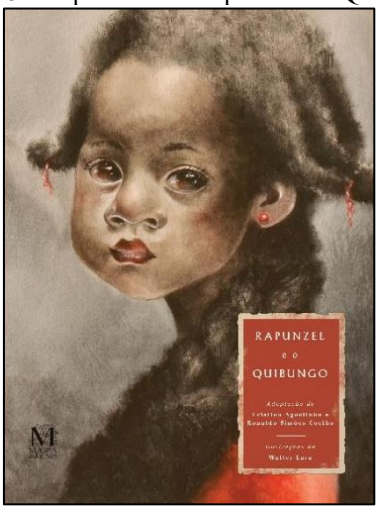
4.3 O NEGRO COMO PERSONAGEM PRINCIPAL

A terceira e última categoria de livros são os livros com personagens centrais negros. A primeira obra é “Rapunzel e o Quibungo”, uma adaptação ao conto de Rapunzel proposta por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, conta com ilustrações de Walter Lara. Esse livro conta a história de uma menina que vive aventura semelhante ao percurso das princesas dos contos de fadas europeus. Com suas longas tranças, Rapunzel é sequestrada pelo Quibungo, uma espécie de bicho-papão, por cantar lindamente. Ela vive numa torre de bambu, no alto de uma castanheira, até que o príncipe Dakarai aparece para salvá-la. Contudo, a narrativa ambienta-se na Bahia, apresentando personagens negros e seres mitológicos brasileiros.

Esse livro se trata do gênero conto literário, o texto corresponde às convenções do conto: apresenta narrativa curta, com enredo simples e poucos personagens, envolvidos em ações narrativas que conduzem ao clímax emocionante e ao desfecho fantástico. A proposta possibilita que o leitor compare as alterações da adaptação apresentada, em relação à versão europeia.

A abordagem do tema é adequada aos leitores brasileiros, pois, ao resgatar uma narrativa amplamente conhecida, inserindo-a em outro contexto mais próximo do leitor brasileiro e narrando uma aventura em que as crianças são protagonistas, inclusive na solução do problema. O texto visual que evidencia interação com o texto verbal, explorando recursos com vistas à experiência estética. A visualidade explora com cuidado e delicadeza a ambientação da narrativa em espaço brasileiro e a representação positiva da negritude, aspecto relevante para a construção da identidade racial das crianças.

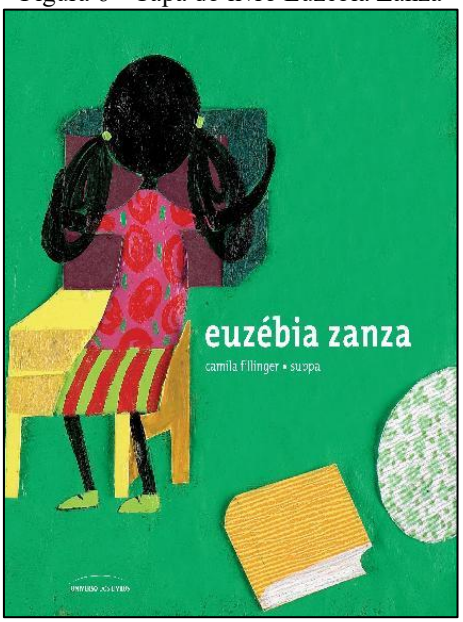
Figura 5 - Capa do livro Rapunzel e o Quibungo



Fonte: Guia Digital PNLD 2018- Literário

A segunda obra é “Euzébia Zanza” escrita por Camila Fillinger e ilustrado por Suppa, o livro narra a história de Euzébia que é uma simpática menina cheia de sensibilidade e imaginação. Em sua primeira aventura, ela zanza por diversos lugares e chega ao topo de uma montanha repleta de segredos. Entrelaça flores para fazer uma coroa, encontra um castelo e deseja que sua alegria alcance os quatro cantos do mundo.

Figura 6 - Capa do livro Euzébia Zanza



Fonte: Guia Digital PNLD 2018- Literário

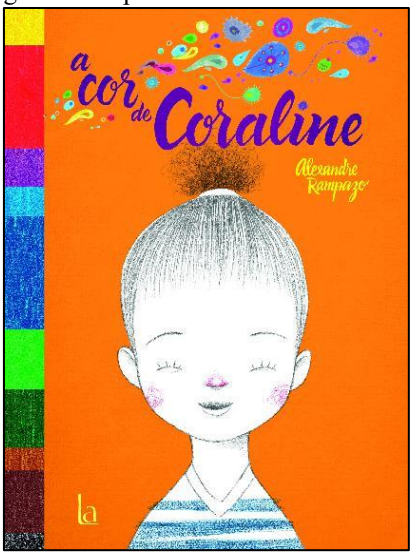
A última obra denomina-se “A cor de Coraline”, escrita e ilustrada por Alexandre Lampazo, é um livro cuja narrativa destina-se a discutir a cor da pele da personagem e a do seu amigo, Pedrinho, a partir de um lápis de ’cor da pele’, inserido em uma caixa de lápis de 12 cores. Os elementos visuais e textuais apresentam pintura singela, pouco texto verbal, apresentado em tipos de fácil leitura.

Caracterizada como um conto, a obra trata o tema de forma adequada ao público a que se destina. Através de ser um texto narrativo, Coraline caminha em busca da resposta a essa pergunta enquanto Pedrinho a aguarda. Em um mundo colorido - ainda que sua caixa de lápis não seja de 18, 24 ou 32 cores - haveria uma cor certa? Uma cor errada? Caminhando com a personagem, descobre-se como ela responde a essa pergunta e qual lápis decide, finalmente, emprestar ao amigo. O texto visual interage com o texto verbal já na primeira página: as maçãs dos rostos de Pedrinho e de Coraline apresentam-se pintadas em círculo, algo que lembra a maneira infantil de pintar, em um tom de lápis rosa, pouco comum em pessoas do mundo real. Debates surgem a partir das cores dos lápis e das possibilidades de mundos diferentes em que os habitantes poderiam apresentar cores diferentes.

Este livro se apresenta uma maneira de transmitir uma mensagem de empatia, representação, identidade e diversidade cultural, proporcionando à criança negra a oportunidade de se reconhecer,

sentir-se validada e adotar uma postura afirmativa diante das condições enfrentadas pela comunidade negra.

Figura 7 - Capa do livro A cor de Coraline



Fonte: Guia Digital PNLD 2018- Literário

Essas obras não apenas buscam aguçar a capacidade interpretativa dos leitores, mas também promovem um ideário de solidariedade, pensamento coletivo e respeito aos outros, afastando-se de qualquer estímulo a ideias preconceituosas ou excludentes. Segundo Munanga (2005), a história das sociedades é moldada pela concepção de humanidade, implicando em uma noção diversificada de identidade humana.

O autor destaca que, embora exista uma identidade humana, esta é sempre diversificada de acordo com as formas de existência, representações, modos de pensar, julgar e sentir próprios das diferentes comunidades culturais, linguísticas, de gênero, às quais os indivíduos pertencem e que são irredutíveis às outras comunidades (MUNANGA, 2005, p. 48).

Ao longo do tempo, o conceito de raça tem sido utilizado para reforçar a suposta superioridade de um grupo sobre outro, associando incorretamente características específicas à origem branca e europeia. Essa visão preconcebida não apenas se limitava ao uso da força física, mas também influenciava as ideias veiculadas nos discursos, pressionando povos de outras origens a conformarem-se às imposições europeias.

Ao explorar as características faciais, nota-se uma considerável variação, embora certos traços distintivos possam ser observados nas populações negras, como os lábios mais grossos, narizes mais largos e formatos de olhos específicos são algumas das características que podem ser encontradas. Essa diversidade fenotípica enfatiza a riqueza cultural e genética do continente africano, sublinhando a importância de reconhecer a individualidade de cada pessoa, indo além de generalizações superficiais. Para Rosa (2014, p.8),

> [...] a realidade de crianças negras em seu percurso escolar, seja na Educação Infantil ou em outras etapas, percebe-se que elas vivenciam a ausência de modelos que legitimem sua identidade racial, ou seja, as crianças negras não encontram modelos estéticos que valorizem seu corpo de forma positiva, por exemplo. Isto implica diretamente sobre a identidade racial dessas crianças.

Assim, torna-se imprescindível esclarecer que as identidades e perspectivas de mundo das crianças, sejam elas negras ou brancas, são moldadas pela maneira como são introduzidas no mundo e socializadas. Elementos como a textura do cabelo, características corporais e cor da pele desempenham um papel significativo como referências na construção de sua percepção pessoal. Nesse sentido, destaca-se a importância de apresentar a diversidade de raças existentes não apenas globalmente, mas, sobretudo, na sociedade à qual essas crianças pertencem.

As obras literárias, ao abordarem a representatividade negra, não apenas evidenciam, mas também enfatizam a importância desta temática na literatura, destacando de maneira contundente como a representação negra é essencial para fomentar a inclusão, cultivar a autoestima e proporcionar às crianças negras personagens e narrativas que reflitam suas próprias vivências. A notável contribuição dos autores que discutem essa ideia se destaca, especialmente quando consideramos que a riqueza dessa representatividade pode ser encontrada em um conjunto mais restrito de obras. Ao apresentar figuras que retratam de forma autêntica a realidade e herança cultural, a literatura infantil desempenha um papel vital no fortalecimento da identidade positiva das crianças, reforçando sua autoconfiança e senso de pertencimento à sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PNLD literário para o ensino fundamental de 1º a 3º ano conta com 143 obras, mas dessas obras apenas 23 possuem personagens negros ou pardos ilustrados e apenas 10 os tem como personagens centrais. Ao separar essas 10 obras por categorias fica evidente que a categoria contos e fábulas africanas aborda a cultura africana, e é marcado por construções imagéticas presentes na capa, contracapa e miolo, com ilustrações e texturas diversas, contextualizando e conferindo vivacidade às histórias contadas. Essa interação entre o verbal e o visual é repleta de cores, personagens e destaca a rica diversidade cultural africana. Símbolos tribais e animais da savana africana adornam o sumário e as margens das páginas, contribuindo para a expressão visual dessa riqueza cultural.

A segunda categoria podemos notar que o foco é a cultura brasileira nos livros Mateus, esse boi é seu e no João Bocó e o Ganso de ouro. Destaco que os autores abordam as xilogravuras, cordel e o bumba-meu-boi com ilustrações chamativas, as histórias prendem o leitor, mas a representatividade fica implícita ao leitor.

Na terceira categoria, obras com personagens principais negros vemos que presença de protagonistas negros desafia os estereótipos prejudiciais e estimula a compreensão da diversidade

desde a infância. Esse processo contribui para o desenvolvimento de uma consciência mais ampla e respeitosa das distintas experiências e culturas, fomentando a empatia e a aceitação entre as crianças.

A ausência de representatividade negra pode acarretar lacunas na compreensão da diversidade e perpetuar estereótipos danosos. Dessa forma, ao incorporar personagens negros em narrativas destinadas às crianças, a literatura assume um papel crucial na construção de um ambiente inclusivo, educando os pequenos sobre a riqueza da diversidade e promovendo a igualdade.

Por fim, após as análises das obras, considera-se que elas têm o potencial de desempenhar um papel significativo na promoção de uma formação decolonial, antirracista e representativa. Isso se deve à presença de personagens, temáticas e situações que abordam questões relevantes nesses contextos. No entanto, é fundamental destacar que a efetivação da decolonialidade na sociedade requer a colaboração de todos, com papel crucial desempenhado pelos gestores políticos e educacionais, bem como pelos professores.

Desde o momento de seleção das obras do PNLD Literário para integrar o acervo do programa, é imperativo que os gestores e educadores optem por obras que abordem de maneira adequada as temáticas étnico-raciais, a cultura e história africana, afro-brasileira, além de contemplar autores e autoras negros(as). Essa escolha representa o primeiro passo na construção de um ambiente educacional mais inclusivo.

Além disso, a implementação dessa abordagem não se encerra na seleção das obras, estendendo-se até a sala de aula. Meu trabalho de análise das obras destaca-se como um ponto de partida, pois os estudos da temática vão além, reconhecendo a importância das práticas adotadas pelos professores. É crucial que os educadores desenvolvam e implementem práticas pedagógicas que não apenas introduzam as obras literárias pertinentes, mas também favoreçam a discussão e compreensão das questões por elas propostas. Esta interseção entre a seleção cuidadosa de obras e a eficácia das práticas pedagógicas é um campo vasto que se abre para novas pesquisas. Dessa forma, todos os envolvidos no processo educacional contribuem de maneira ativa e consciente para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e alinhada aos princípios decoloniais e antirracistas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Cruzando caminhos. Ática, 1994.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen livros, 2019.

BARRETO LEITE, Luiz Otávio. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. Seleção de contos. Rio de Janeiro: Revan, p. 9-13, 2008.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa. Edições 70 Ltda, 1977.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Guia de livros didáticos litérario: PNLD 2018.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL.

BAJOUR, Cecilia. Ouvir nas entrelinhas – o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004, p. 169-191.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2007.

COMAR, Sueli Ribeiro; RUARO, Juliana Cristina. As leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08: os limites e as perspectivas de uma legislação. II Simposio Nacional da Educação, XXI Semana de Pedagogia. Infância Sociedade e Educação, Cascavel, 13 a 15 de Outubro de 2010.

COSSON, Rildo. Letramento literário – teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DEBUS, Eliane. A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens. São Paulo: Cortez editora, 2017.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. Educação e pesquisa, v. 31, p. 79-91, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000100006 Acesso em: 14 de dez. 2022.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de janeiro: Dp&a, 2011.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as evoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.22, n.2, p. 15-46, jul.-dez. 1997.

JOVINO, I. da S.; QUADROS, T. de. Literatura infanto-juvenil no contexto pós lei 10.639: representações de negros e negras em debate. In: XXV Encontro Anual de Iniciação Científica. II Encontro Anual de Iniciação Científica Junior, 4, Ponta Grossa. Resumos. Ponta Grossa: UEPG, 2006. Disponível em: <http://apps.uepg.br/propesp/pesquisa/eaic/public/storage/uploads/2016/09192792952/2016-09-26_16-40-40.pdf >. Acesso em: 13 jul. 2024

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia e educação; elucidações conceituais e articulações. São Paulo. Cortez, 1994.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Brasília, 2005

REYS, Yolanda. A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância. 1. ed. São Paulo: Global, 2010. 106 p. ISBN 9788526012011.

RODRIGUES, Suzana Machado. A prática de leitura na educação infantil como incentivo na formação de futuros leitores. Eventos Pedagógicos, v. 6, n. 2, p. 241-249, 2015.

ROSA, Daniele Cristina. A construção da identidade racial de crianças negras na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 103 f. 2014.

SILVA, Leidiane Alves da. Literatura infantil e ressignificação da identidade racial da criança negra. TCC (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras, 81f. 2018.

SOUZA, Ellen Gonzaga Lima; DIAS, Lucimar Rosa; SANTIAGO, Flávio. Educação infantil e desigualdades raciais: tessituras para a construção de uma educação das/nas relações étnico-raciais desde a creche. Humanidades & Inovação, v. 4, n. 1, 2017.

VYGOTSKY, L.S. Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.